

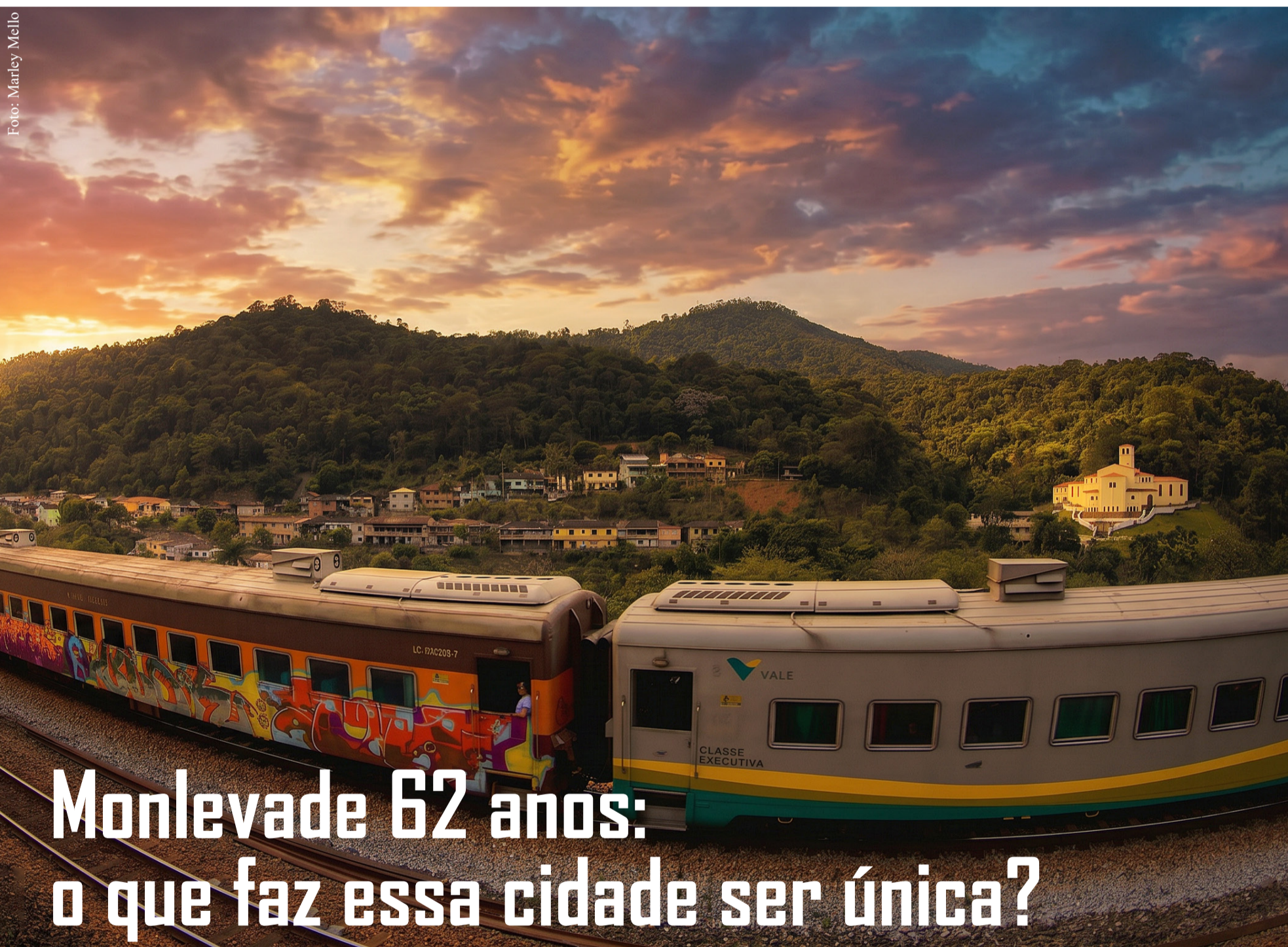
ROTHA

Cultural

Jornalismo para preservar histórias, memórias e identidades

Edição nº 28 - Abril 2026

Foto: Marley Mello



Monlevade 62 anos:
o que faz essa cidade ser única?

Confira a edição e descubra

Identidade

Afonso Torres escreve sobre Ser Monlevadense.

Página 6

Patrimônio

Conheça a história do Templo Arca - Assembleia de Deus

Página 8

Memória

Confira fatos e datas que marcam a história da cidade.

Páginas 4 e 5

Exposição sobre o tropeirismo leva história e tradição à Cavalgada de São Gonçalo

Fotos: Acom/PMSGRA



Em meio aos shows, concurso de marcha e som dos cascos no desfile de cavaleiros pela cidade, a Cavalgada de São Gonçalo do Rio Abaixo ganhou, neste ano, um novo significado. O evento ofereceu, pela primeira vez, um espaço de reflexão e memória com a exposição “Caminhos: do Tropeirismo à Cavalgada”, que levou cerca de 20 mil pessoas a uma verdadeira viagem pelas origens culturais da região.

Instalada como um ponto de parada simbólico dentro do parque de exposições, a mostra propôs uma imersão sensível na história do tropeirismo. A atividade moldou não apenas a economia, mas também os modos de vida e as relações sociais em Minas Gerais. Ao percorrer a exposição, o visitante era convidado a caminhar por trilhas que remontam ao período colonial, quando os tropeiros abriram caminhos, conectaram territórios e ajudaram a formar cidades e identidades.

Organizada em cinco seções, a mostra revelou desde o papel estratégico dos tropeiros na circula-

ção de mercadorias e culturas até o cotidiano das comitivas. Elementos simbólicos como o muar e a égua madrinha surgiam como guias dessa travessia, evocando valores como liderança, coragem e espírito coletivo, marcas que permanecem vivas no imaginário mineiro.

EXPERIÊNCIA IMERSIVA

De acordo com o coordenador de patrimônio de São Gonçalo do Rio Abaixo, o historiador Danilo Souza Ferreira, a exposição foi pensada como uma forma de materializar essa história por meio de uma experiência imersiva. “A ideia é apresentar o caminhar dos tropeiros que construíram os caminhos em Minas e na nossa região, mostrando como essas rotas deram origem a cidades e vilas e, ao longo do tempo, se transformaram em cultura, como vemos hoje na cavalgada”, explica.

A proposta da exposição foi além do resgate histórico. Segundo Danilo, trata-se também de uma estratégia de salvaguarda do patrimônio cultural. “Estamos tra-

balhando com a expografia como ferramenta de preservação e democratização do acesso à história. É uma forma de aproximar a população do seu patrimônio, permitindo que ela vivencie e compreenda essa trajetória de maneira mais profunda”, destaca.

Ao relacionar o passado com o presente, a mostra evidencia a Cavalgada de São Gonçalo, realizada desde 1986, como herdeira direta dessa tradição. Hoje, o evento reúne comunidades em torno da cultura equestre, da música e da celebração popular, reafirmando laços que atravessam gerações. Nesse contexto, o Parque de Exposições Edirlei Márcio Moreira Lacerda surge como território de encontro, onde a memória encontra abrigo e se reinventa.

PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO

Para o prefeito Raimundo Nonato de Barcelos, o Nozinho (PDT), a iniciativa reforça o compromisso com a preservação das

raízes culturais. Segundo ele, resgatar o tropeirismo é fortalecer a identidade de um povo que reconhece, na cavalgada, um elo entre passado e presente.

A secretária de Cultura, Cecília Fonseca, destaca a exposição como instrumento de educação patrimonial e valorização da memória. A proposta, segundo ela, é conectar passado e presente, ampliando o acesso à informação e incentivando o reconhecimento da riqueza cultural local.

Para Danilo Souza, além do espaço expositivo, “Caminhos: do Tropeirismo à Cavalgada” se consolida como um gesto de preservação e futuro. Integrada às políticas culturais do município, a iniciativa aponta para um caminho em que tradição e contemporaneidade seguem lado a lado. Dessa forma, na travessia entre o ontem e o hoje, São Gonçalo do Rio Abaixo reafirma que sua história não está apenas nos registros, mas nos caminhos que continuam sendo percorridos, seguem vivos na memória, na cultura e na identidade de seu povo.



Acesse: rothacultural.com.br



Aponte seu celular para o QR Code e viaje por novas rothas

EXPEDIENTE: JORNAL ROTHACULTURAL - Fundador e editor: Erivelton Braz

Rotha Cultural - Publicação da Rotha Assessoria LTDA

Rua Betim, 295, Lourdes – João Monlevade - MG - CEP: 35930-063 / Tel: (31) 98484-1352/ feliciobraz@yahoo.com.br

CNPJ: 27.510.172/0001-61 - Distribuição gratuita dirigida a escolas, bibliotecas e entidades - Tiragem: 1.500 exemplares

João Monlevade, Médio Piracicaba, Brasil e Mundo - Diagramação e arte: Guilherme Bessa

Colaboradores desta edição:

Marley Mello
Afonso Torres

João Monlevade 62 anos

Uma cidade de múltiplas identidades

Diversidade é a essência que pulsa na alma de Monlevade e faz dela única

Por Erivelton Braz

No ano em que João Monlevade celebra seus 62 anos, mais do que revisitar datas, é preciso compreender as camadas que formam a identidade dessa cidade, que é única, construída entre o ferro, a chegada da siderúrgica do aço e dos encontros que a diversidade identitária trouxe.

Os caminhos que levaram à formação de Monlevade começaram muito antes de 29 de abril 1964. Pelo menos, mais de duzentos anos antes. Ainda no século XIX, com a chegada ao Brasil do engenheiro francês Jean Antoine Felix Dissandes de Monlevade, inicia-se um processo que mudaria definitivamente a história da região. Ao se estabelecer em Minas Gerais, ele implantou a Forja Catalã, dando início a uma experiência industrial pioneira, criando uma das mais importantes fábricas de ferro daquele tempo.

Mas é preciso dizer que esse marco não foi solitário e não se deve apenas a Jean, o precursor. Para início de conversa, ao desembarcar no Rio de Janeiro, o francês segue para Minas e traz consigo dois escravizados. Ao chegar aqui, foram com os braços, o sangue e o suor de centenas de outros homens e mulheres escravizados que sustentaram a produção inicial do ferro na promissora fábrica. Eles trabalharam na forja, moldando o metal e ajudaram a erguer as bases econômicas da região.

Depois, os povos originários tiveram papel fundamental no processo de expansão da fábrica do francês, a partir de 1827. Foram eles que dominaram os caminhos do rio Doce, auxiliando no transporte de mais de sete toneladas de equipamentos em canoas, até chegar às terras de Jean Monlevade.

Desde sua origem, a história de Monlevade vem de encontros transculturais de forças e saberes distintos. Nas proximidades da forja, formou-se o povoado dos Carneirinhos, habitado por agricultores que tiravam da terra o sustento.

E a história poderia ter continuado assim. Mas foi na década de 1920 que tudo mudou. O rei da Bélgica visita Minas e é convencido a investir no Brasil, por Gaston Barbanson, presidente da Arbed, um importante grupo siderúrgico daquele país. Após convencer o monarca, Barbanson foi o responsável pela aquisição e expansão das terras de Jean Monlevade.

Neste projeto, coube ao engenheiro luxemburguês, o então jovem Louis Ensich, vir para essa região criar uma usina. Ele implantou a Belgo Mineira e ajudou a estruturar a cidade.



Assim a cidade de Monlevade foi planejada com forte presença europeia, especialmente, luxemburguesa e belga.

A partir daí vieram outros imigrantes, trabalhadores de várias partes de Minas e do Brasil, que formaram famílias e trouxeram sua força. Com esses pioneiros, nasceu uma cidade que não se explica apenas pela indústria, mas pela soma de todas as suas presenças.

Essa herança se refletiu não apenas na arquitetura e no urbanismo, mas também no modo de viver. A chamada Cidade Alta, hoje desaparecida, simbolizava esse planejamento, um espaço organizado, funcional, que acabou sendo absorvido pelo crescimento da usina e pela expansão urbana.

Os clubes sociais também contam essa história. O Grêmio, o Ideal e o Social traduzem, até hoje, diferentes momentos e camadas da cidade. Mais do que espaços de lazer, foram pontos de encontro e formação cultural, onde se cruzaram trabalhadores, técnicos, famílias e histórias, revelando uma sociedade em transformação.

Monlevade cresceu assim: entre contrastes. Entre o europeu, os africanos, os indígenas e o mineiro. Entre o aço e a vida cotidiana. Aqui, Jean virou João. E, nesse processo, o sonho estrangeiro se tornou local. As estradas abertas no passado ajudaram a integrar a região, conectando pessoas e criando oportunidades. A cidade deixou de ser apenas um ponto industrial para se tornar um território de pertencimentos e identidades.

Mas talvez o que faça de Monlevade um lugar verdadeiramente único não esteja apenas nos marcos históricos. Está na memória.

Naquilo que permanece, mesmo quando desaparece, como a Cidade Alta. Está naquilo que nem sempre foi contado, como a força e a história dos escravizados e dos povos originários. Está naquilo que resiste, como o sentimento de pertencimento de quem vive aqui.

Monlevade é uma cidade de várias camadas, que carrega o peso da sua história, mas também a leveza de quem segue construindo o futuro. E, talvez, o maior desafio seja justamente não perder sua essência multifacetada.

Lembrar não é apenas olhar para trás, mas garantir que tudo o que foi vivido continue fazendo sentido hoje para que o amanhã se construa. Aos 62 anos, Monlevade, mais do que nunca, precisa continuar sendo lembrada como ela é: plural, mineira, europeia, africana e indígena. Uma cidade diversa, profundamente humana.



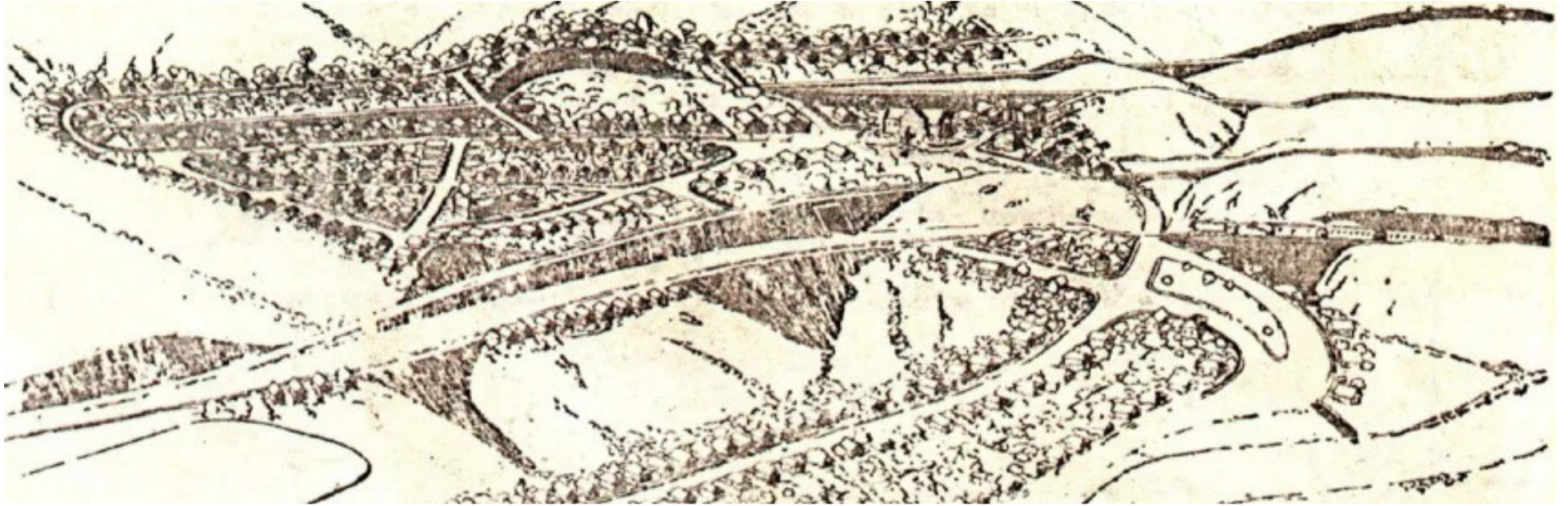
(*) Erivelton Braz é Mestre em Letras, Teoria Literária e Crítica da Cultura, professor de Literatura, jornalista e escritor. Fundador da Rotha Assessoria e editor do Rotha Cultural

Rotha Cultural destaca fatos e datas q

No aniversário de 62 anos, o Rotha Cultural resgata os principais fatos e datas que ajudaram a construir a identidade do município, desde suas origens no século XIX até a consolidação como cidade. Ao reunir essas datas e personagens, o jornal reforça a importân-

cia da memória como elemento fundamental para compreender o presente e projetar o futuro de João Monlevade, uma cidade construída a partir do trabalho, da organização comunitária e da luta por autonomia. Confira:

Fonte: Urbanismomg/UEFF



Cidade Operaria Monlevade-Perspectiva Geral, de Lincoln Continentino, no concurso promovido pela Companhia Siderúrgica Belgo Mineira, em 1934

ORIGENS

A história de Monlevade começa a ser escrita com a chegada ao Brasil do engenheiro francês Jean Antoine Felix Dissandes de Monlevade (foto). Aos 28 anos, ele desembarcou no Rio de Janeiro, em 14 de maio de 1817, e percorreu várias regiões de Minas, pesquisando forjas e o solo mineiro. Ele adquiriu terras nos arredores de São Miguel do Piracicaba, onde se hospedou, na Fazenda Itajuru, de João Antônio Gomes.



Por volta de 1826, portanto, há 200 anos, iniciou a construção de sua residência, que teria o nome de Solar da Fazenda Monlevade. Ali, implantou a Forja Catalã e construiu o Solar Monlevade, dando início a um importante núcleo industrial.

Nas proximidades de suas terras, formou-se um pequeno povoado de agricultores, conhecido como "Carneirinhos". A fertilidade do solo e a presença de córregos garantiam a subsistência dos moradores, que atravessavam as colinas vestidos de branco, característica que inspirou o apelido da localidade.

DISTRITO E DESENVOLVIMENTO

Durante décadas, a região permaneceu subordinada a Rio Piracicaba. No dia 31 de agosto de 1935, o presidente da República Getúlio Vargas inaugurou o ramal ferroviário entre Santa Bárbara e Monlevade e lançou a pedra fundamental da Usina. Na mesma época, nasceu também um centro urbano para abrigar os trabalhadores da recém-criada Companhia Siderúrgica Belgo Mineira. Até que um marco importante foi registrado em 27 de dezembro de 1948. Na data, o então governador Milton Campos sancionou a Lei nº 336, criando o Distrito de João Monlevade e unificando as áreas do antigo núcleo industrial e de Carneirinhos.

Outros acontecimentos relevantes impulsionaram o desenvolvimento local. Antes da cria-

ção do distrito, em 1942, tiveram início as obras da Igreja São José Operário, concluídas em 1945. Já em 25 de setembro de 1948, foi criada a Paróquia São José de Monlevade, tendo como primeiro pároco o cônego José Higino de Freitas.



Na sequência, vieram importantes estruturas institucionais: o Cartório de Registro Civil (1949), o Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos (1951) e o Hospital Margarida (1952-foto), inaugurado com a presença do então governador Juscelino Kubitschek. Em 1955, foi criado o Ginásio Monlevade, reforçando o avanço educacional da região.

EMANCIPAÇÃO

Com o crescimento acelerado do distrito, lideranças locais organizaram, em 1958, a Comissão Pró-Emancipação, presidida pelo comerciante Germin Loureiro, o "Bio". Junto dele, estavam: Randolfo Moreira de Souza, José Loureiro, Alberto Pereira Lima, Wander Wanderley de Lima e Carlos Caldeira. O grupo mobilizou esforços políticos junto à Assembleia Legislativa de Minas Gerais, culminando na conquista da autonomia municipal.

Também colaboraram o vereador de Rio Piracicaba, Benedito Marcelino, o padre João Batista Gomes Neto, Geraldo de Paula Santos, Antônio Loureiro Sobrinho, Gentil Bicalho, Oswaldo Sil-

que marcaram a história de Monlevade

va, Olímpio Carvalho Lage, José Pedro Machado, Astolfo Linhares, Alonso Leite, Raimundo José Caldeira e Pedro José Caldeira.

O marco definitivo veio em 29 de abril de 1964, quando João Monlevade foi oficialmente elevado à categoria de município. A partir daí, iniciou-se a estruturação do poder público local. Bolívar Cardoso da Silva foi nomeado intendente e responsável por instalar o primeiro Governo Municipal.

Fotos: Arquivo Jornal A Notícia



Outro momento histórico ocorreu em 5 de dezembro de 1965, com a instalação da primeira Câmara Municipal (foto), em solenidade presidida pelo juiz Murillo Furtado Gomes. Na mesma ocasião, foram empossados os primeiros vereadores e, em cerimônia na Praça Sete de Setembro, o primeiro prefeito eleito, Wilson Alvarenga, ao lado do vice Josué Henrique Dias.

PRIMEIRO GOVERNO

Após a emancipação, em 29 de abril de 1964, Bolívar Cardoso da Silva foi nomeado intendente e instalou o primeiro Governo Municipal. O passo seguinte foi realizar as primeiras eleições. Em 5 de dezembro de 1965, foi instalada a primeira Câmara Municipal, com os vereadores eleitos: Sebastião Batista Gomes (presidente), João Amaro Gomes (vice-presidente), Ronaldo Frade (secretário), Acrísio Engrácio Pires, Amaro Zacarias Gorgozinho, Carlos Caldeira, Francisco Rosa Alves, Jonathas de Oliveira, José Ferreira Soares, José de Oliveira Couto, José Pedro Machado, Laudelino Antônio da Fonseca e Vicente Corrêa Domingues.

Essa Câmara empossou o primeiro prefeito de João Monlevade eleito: Wilson Alvarenga. Ele governou de 1965 a 1966, quando foi eleito deputado estadual. Com sua saída, o vice, Josué Henrique Dias assumiu e administrou o município de 13 de agosto de 1966 a 31 de janeiro de 1967.



Prefeitos ao longo da história

- 1965 – 1966
Wilson Alvarenga
- 1966 - 1967
Josué Henrique Dias
- 1967–1970
Germin Loureiro (“Bio”)
- 1970–1972
Antônio Gonçalves (“Pirraça”)
- 1972–1976
Lúcio Flávio de Souza Mesquita
- 1977–1982
Antônio Gonçalves (segundo mandato)
- 1983–1988
Germin Loureiro (retorno)
- 1989–1992
Leonardo Diniz
- 1993–1996
Germin Loureiro (terceiro mandato)
- 1997–2000
Laércio José Ribeiro
- 2001–2008
Carlos Moreira (primeiro prefeito reeleito)
- 2009–2012
Gustavo Prandini de Assis
- 2013–2016
Teófilo Torres
- 2017–2020
Simone Carvalho (primeira mulher prefeita)
- 2021–2024
Laércio Ribeiro (reeleito em 2025 e em exercício nos dias atuais)



Encontro das avenidas Wilson Alvarenga e Getúlio Vargas no início da construção da cidade

PARTICIPE DA ELABORAÇÃO

LDO 2027

A Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) define onde e como os recursos públicos serão investidos no próximo ano.

- Participe e contribua:
- ✓ Aponte problemas do seu bairro
 - ✓ Indique prioridades para 2027
 - ✓ Ajude no planejamento da cidade

ATÉ 08 DE MAIO

Sua voz faz a diferença.

Acesse o link no site da Prefeitura ou através do QR Code e participe!



SER MONLEVADENSE

Por Afonso Torres da Silva

(Escrito em 04/08/2018)

Estabelecido no Solar, João Antônio Felix Dissandes Monlevade administrava sua Fábrica de Ferro Monlevade e assim assinava cartas e documentos, como ainda hoje se vê nos arquivos da Arcelor-Mittal. O gesto atravessou gerações. Repetiu-se no filho, João Paschoal, e seguiu no neto, Francisco Paes Leme Monlevade, já à frente das Forjas do avô, então sob a Companhia de Forjas e Estaleiros do Rio de Janeiro.

Há mais de dois centenários, este lugar não apenas se chama, mas -se reconhece. “Monlevade”. E foram esses, antes de todos, os primeiros monlevadenses. O tempo, no entanto, amplia. E, ao ampliar, mistura. Em 1921, com a aquisição do Solar pelo luxemburguês Gaston Barbanson, chega também o engenheiro agrônomo Edouard Luja. Sua missão era clara: realizar as primeiras experiências com o plantio de eucalipto, capaz de suprir a ausência de carvão mineral — largamente utilizado na siderurgia europeia —, substituindo-o pelo carvão vegetal.

Mas Luja não era apenas técnico. Era também olhar. E olhar, ali, já era uma forma de permanência. Um autêntico cientista, e igualmente um escritor de mérito, capaz de observar e registrar sem perder o espanto. Seu Relatório de Viagem ao Brasil, publicado em 1952, é prova disso.

Mais tarde, o engenheiro agrônomo Laércio Osse daria continuidade ao seu trabalho, traduzindo o relatório e publicando-o no jornal



O Pioneiro, em 1959. Entre fornos, matas e homens, Luja observava. E, sem perceber, ajudava a narrar Monlevade. Ao lado de Luiz Prisco Braga, tornou-se um dos primeiros a registrar essa história. Houve também quem tentasse preservá-la. Louis Ensich, enquanto administrador da C.S.B.M., reuniu documentos, resgatou registros e buscou vestígios — muitos deles junto à família Gomes Freitas.

Mas o tempo, por vezes, não apaga. Ele guarda. E o que se guarda demais... não se perde, afasta-se. E o que se afasta... deixa de ser vivido. Durante anos, esse acervo permaneceu restrito ao patrimônio da Belgo-Mineira. O acesso era limitado. E disso resultou não exatamente o esquecimento, mas uma memória à distância — rompida, aqui e ali, por iniciativas isoladas, quase sempre de professoras que insistiam em manter viva a lembrança.

Até que surge alguém que não apenas lembra, mas se envolve. Nilton de Souza. O Tim. Nascido em Dom Silvério, mas, em essência, monlevadense.

Porque há quem pertença por origem e há quem, raramente, pertença por decisão. Tim escolheu. Dedicou-se a pesquisar as origens da Companhia Siderúrgica Belgo Mineira, levantou, restaurou e reuniu peças que hoje compõem o Museu Histórico da Usina, ao lado do trabalho do Sr. Virgílio Pastorini.

Mas Tim era mais do que pesquisador. Era voz. Transformava documento em narrativa.

História em presença. Nos anos oitenta, levou esse trabalho ao público em forma de palestras. Professor, escritor, pintor e historiador, tornou-se referência para todos os que se interessam pela cultura e pela memória da cidade.

Em seus causos e crônicas, exaltava os grandes nomes locais. Muitos deles, como ele, vindos de fora, mas profundamente enraizados aqui. E foi ele, não por acaso, quem melhor nos disse o que somos. Não como quem define de fora, mas como quem reconhece por dentro. É nessa fala que ele está.

E é nela que, de algum modo, também nos vemos.

Em entrevista ao jornal Prezado Senhor (ano I, nº 19, de 1º a 14 de junho de 1988, p. 6), afirmou: “O monlevadense é um indivíduo com visão cosmopolita, uma mistura de tempo, raça e lugar. Como cidadão político, tem 24 anos. Como cidadão profissional, tem duas idades: uns 52 anos de Belgo-Mineira... e uns 90 anos de Forjas e Estaleiros. E teria, ainda, uns 170 anos de João Monlevade propriamente dita. Nessa soma, carrega a experiência do francês, do português, do suíço, do americano e, mais tarde, do luxemburguês, do belga, do alemão... e de toda espécie de raça. Quer dizer: ele é cosmopolita. Querendo ou não, entra nesse contexto. Está inserido na universalidade. E, por incrível que pareça, dificilmente se conscientiza de que é monlevadense. Está sempre aqui... esperando uma oportunidade de partir. Para sua terra. Para a terra de seus pais ou avós. Ou para terras novas. Parece não se fixar. E esse é um dos problemas sérios de Monlevade. Não diria que isso é sociologia... mas uma pirraça própria de sua formação histórica.”

Basta ajustar os números e tudo continua atual. Porque, no fundo, ser monlevadense é isso: permanecer — mesmo quando tudo convida à partida. Alguns passam pela cidade. Outros... fazem com que ela permaneça. Fica aqui o tributo a quem escolheu permanecer na memória da cidade — e fazê-la permanecer em nós. Obrigado, Nilton de Souza.

Obrigado, Tim-Mirim, Tim-Gorim, “Marco Aurélio”, “Fausto”, “Heleno”. Gratidão.



(*)Afonso Torres é escritor, pesquisador e artista plástico

Programação de aniversário

Cultura, música e encontros que celebram a cidade

João Monlevade chega aos 62 anos no próximo 29 de abril, reafirmando aquilo que a torna viva: sua gente, sua cultura e a capacidade de transformar espaços públicos em cenários de encontro e pertencimento. A programação comemorativa, conduzida pela Prefeitura e pela Fundação Casa de Cultura, segue pulsando após um fim de semana de abertura que levou milhares de pessoas à Praça da Paz, em uma celebração marcada pela diversidade e pela convivência.

A agenda continua com propostas que dialogam com diferentes públicos e expressões culturais. Neste sábado (25), a Praça do Povo se transforma em palco da música religiosa, com a realização do Festival de Bandas Gospel Locais na praça do Povo. O evento terá início às 16h, com abertura oficial, seguido pelas apresentações da Banda Referência, às 17h, Amanda Oliveira, às 19h, e encerramento com o show de Julliany Souza, às 21h. Durante toda a programação, o público contará com atrações especiais para as crianças, incluindo circo e área infantil com brinquedos gratuitos.

DIVERSIDADE DE ATRAÇÕES

Dentro da programação do domingo (26), o município também recebe a inauguração do Projeto 8 Rodas - Skate Inclusão, uma iniciativa voltada à promoção do esporte e da inclusão social. O evento será realizado às 9h, na Quadra do Baú, marcando o início das atividades do polo de João Monlevade. A ação integra o Circuito

Inclusão e busca ampliar o acesso de crianças e adolescentes ao skate, incentivando a prática esportiva, a convivência comunitária e o desenvolvimento social por meio do esporte.

A diversidade musical ganha destaque com uma programação que transita entre o sertanejo, o samba e a música popular brasileira. As atividades também serão na praça do Povo e começam às 16h30 com Moda Sertaneja, comandada por Jailton Brumano e banda. Às 18h, o público poderá prestigiar o show “Rezende e sua Gente”, com Alexandre Rezende interpretando o samba caipira. Na sequência, às 19h30, Júlia Rocha sobe ao palco com o projeto Samba da Ju.

Às 21h, o encerramento fica por conta do artista Jota.pê, grande nome da música nacional e da Nova MPB, ganhador de quatro Grammys Latinos. Assim como no dia anterior, haverá circo e área infantil com brinquedos gratuitos para garantir a diversão da criançada.



Jota.pê leva nova MPB ao palco da Praça do Povo

Novo Cruzeiro, a cidade recebe a Mostra Cultural ArtBem, das 10h às 15h, com uma agenda voltada à valorização da arte e da cultura local. Entre as atividades, estão exposição de cinema, feira cultural, brincadeiras e contação de histórias para crianças, das 10h às 13h, além de desfile de moda afro e apresentações teatrais, das 13h às 15h. Na sequência, o Circuito Cultural traz apresentações musicais a partir das 15h, com a Banda Intensidade 276, no estilo pop-rock, seguida por Tiago Luiz e Banda, às 17h, com repertório que mistura pagode e sertanejo. O dia também contará com circo, área infantil com brinquedos gratuitos, além da distribuição de pipoca e algodão doce.

Os 62 anos de João Monlevade revelam uma cidade que se reconhece na diversidade de suas manifestações culturais e na força dos encontros. Uma cidade que celebra, mas, sobretudo, se reinventa a cada palco montado, a cada história contada e a cada sorriso compartilhado.

Fotos: Divulgação



Cantora Amanda Oliveira é atração no sábado (25)



Alexandre Rezende interpreta samba caipira em show especial

Na quarta-feira, 29 de abril, dia do aniversário de emancipação político-administrativa da cidade, será realizada solenidade de hasteamento das bandeiras, execução do Hino Nacional e do município, em frente à sede da Prefeitura, com a presença de autoridades locais, representantes da Polícia Militar e sociedade.

Encerrando a programação, no dia 1º de maio, em frente ao Espaço Bem Viver no bairro



Julliany Souza é a principal atração de sábado

Templo Arca

Símbolo de fé, arquitetura e história em Monlevade



Na região central de Monlevade, um edifício chama a atenção há 40 anos, não só pela grandiosidade, mas pela forma singular e de forte simbolismo: o Templo Arca da Assembleia de Deus. Com arquitetura inspirada na figura bíblica da arca, o espaço é um dos símbolos de João Monlevade, reunindo valor arquitetônico, cultural e religioso em uma única construção.

Inaugurado em outubro de 1985, o templo soma mais de quatro décadas de história como um dos prin-

cipais marcos da fé evangélica na cidade. Sua estrutura, em formato de embarcação, simboliza abrigo, proteção e salvação, conceitos que dialogam diretamente com a missão espiritual da igreja. A ousadia do projeto, concebido em vidro e concreto, fez com que, ainda na época de sua construção, na década de 1980, já fosse apontado como um “cartão de visitas” do município.

A construção do Templo Arca marcou um novo capítulo da igreja Assembleia de Deus. Erguido com

esforço coletivo, mesmo diante de limitações financeiras o templo nasceu da mobilização dos próprios fiéis e dos líderes religiosos. A obra foi inaugurada em 6 de outubro de 1985, sob a liderança do pastor Philemon Rodrigues, consolidando-se como símbolo de fé e perseverança.

Durante mais de 30 anos, a igreja foi conduzida pelo pastor Sérgio Eletório Coelho, uma das figuras mais respeitadas de João Monlevade e região. Sua liderança marcou profundamente a história da Assembleia de Deus no município, sendo lembrada pelo fortalecimento espiritual, crescimento institucional e ampliação das ações sociais da igreja. Nesse período, ele teve a seu lado como administrador, o pastor Carlos Roberto Lopes, o Pastor Carlinhos.

Atualmente, o ministério é liderado pelo Pastor Carlinhos, que dá continuidade ao trabalho espiritual e comunitário desenvolvido ao longo das décadas.

A relevância do Templo Arca também se conecta com a própria história de João Monlevade, que ce-

lebra seu aniversário em 29 de abril. Assim como a cidade, marcada pelo trabalho, pela diversidade e pelo desenvolvimento, a Assembleia de Deus cresceu junto com essa comunidade.

Hoje, o Templo Arca reúne cerca de 1,2 mil membros apenas em sua sede e funciona como centro do Ministério de João Monlevade e Itabira, que conta com 234 congregações distribuídas em 32 municípios do Médio Piracicaba e regiões do Leste e Nordeste de Minas Gerais. A atuação da igreja também ultrapassa fronteiras, com missões em países como Paraguai, Nigéria, Moçambique e Timor-Leste, além de ações no estado da Bahia.

Instalado na rua Evangelista, no bairro Alvorada, o Templo Arca segue como um farol espiritual e também um marco urbano. Além de sua arquitetura imponente, o espaço representa uma história viva de fé, resistência e transformação. É, sem dúvidas, um patrimônio que atravessa gerações e continua a moldar a identidade cultural e religiosa de João Monlevade.

VEM AI...
32ª EDIÇÃO
CIDADÃO LEGAL

16 MAIO SÁBADO **DE 09H ÀS 13H**
EM FRENTE À CÂMARA MUNICIPAL

PARTICIPAÇÃO QUE TRANSFORMA. CIDADANIA QUE FORTALECE!

Apoio: Realização:

Faça sua doação e ajude o **HOSPITAL MARGARIDA** a melhorar cada vez mais os serviços prestados a você e sua família.

DOE QUALQUER VALOR DE FORMA RÁPIDA, PRÁTICA E SEGURA.

Abra o App do seu banco, encontre a área PIX e escaneie o QR Code ao lado.

Associação São Vicente de Paulo de João Monlevade/MG
CHAVE PIX: 211422030001-92